

## O campo grupal. Notas para uma genealogia\*

Maria Cristina G. Vicentini\*\*

Passados 14 anos de sua publicação na Argentina (1992), o livro *O campo grupal. Notas para uma genealogia*, da professora Ana María Fernández, titular da cátedra de Grupos e Instituições do curso de Psicologia da Universidade de Buenos Aires, é finalmente publicado no Brasil, com tradução de Claudia Berliner.

O livro, fruto de um trabalho crítico e rigoroso, cartografa o complexo panorama do pensamento grupal contemporâneo: indaga como as diferentes correntes teóricas (na Psicologia Social, Psicanálise e Análise Institucional) constituíram seus discursos e saberes, seus domínio de objeto, seus dispositivos de intervenção; analisa as condições – teóricas, institucionais e sócio-históricas – de produção desses saberes, refletindo uma preocupação mais epistemológica (como se constroem os conhecimentos sobre o grupal), do que ontológica (o que são os grupos): “os grupos não são o grupal: importa portanto uma teoria do que fazemos e não uma teoria do que são”. Indo mais além, identifica os “núcleos teóricos” (momentos epistêmicos) resultantes de insistências, marcações disciplinares e cristalizações que configuram determinadas *visibilidades*, mas elucida também os impensáveis teóricos, os *invisíveis*, de forma a abrir novas interrogações e a pensar os problemas recorrentes de outro modo.

Elege, assim, uma perspectiva metodológica que é tributária da obra de Michel Foucault, Cornelius Castoriadis e de outros pensadores da delicada imanência do sujeito e do *socius*. A *genealogia* e a *elucidação crítica* nos ajudam a compreender a emergência histórica e política das idéias e das práticas, desconstruindo a historiografia e abrindo caminho para uma visão complexa e lúcida da história.

O grupo, como objeto privilegiado dessa trajetória, já não aparece como espaço ilhado das suas determinações histórico-sociais e sim como espaço estratégico de expressão dos imaginários sociais que o atravessam e constituem, laboratório onde eles tanto se repetem quanto se transformam em potência instituinte.

Em tempos de soberania da sociedade de mercado e de consumo, com os conseqüentes efeitos de devastação das tramas vinculares, reclusão individualista,

---

\* Ana Maria Fernández. *O campo grupal. Notas para uma genealogia* (São Paulo, Martins Fontes, 2006).

\*\* E-mail: crisvic1@uol.com.br

crescentes vivências de desamparo e privatização do sofrimento psíquico, a empreitada da professora nos conta de uma tomada de posição ético-política: os grupos são *espaços táticos de produção de subjetividade* na medida em que permitem sustentar a tensão *singularidade-coletivo* (superando a dicotomia indivíduo-sociedade) e são um *campo de problemáticas* (mais do que um objeto disciplinar), em relação ao qual a abordagem deve ser necessariamente transdisciplinar.

Por isso e por outras tantas riquíssimas conceituações é que esse livro é uma valiosa ferramenta para o momento atual, em que a dimensão das práticas grupais volta a vicejar em nosso meio. Entendemos que as políticas públicas no Brasil, e particularmente nos campos da saúde mental, da educação e da ação social, encontram no trabalho grupal um instrumento ímpar para sua implementação e avanço.

Em nossa prática de docência e supervisão de trabalhos institucionais podemos constatar que tão grande quanto a necessidade de desenvolver ferramentas próprias aos afazeres das instituições é o déficit de formação dos seus agentes. Esse déficit nada mais é que um efeito a mais da privatização dos bens públicos, em detrimento de políticas de formação dos profissionais que atuam nas instituições públicas, condenados a práticas pouco valorizadas e pouco legitimadas, com resultados devastadores de ineficácia, precariedade e desqualificação social.

Ainda que haja uma utilização crescente do dispositivo grupal nas instituições públicas de saúde, o modo acrítico, espontaneísta ou tecnicista como muitas vezes é implementado – desprovido, portanto, das considerações e problematizações ético-teórico-políticas que o atravessam – não contribui para que o grupo se constitua como dispositivo para promoção de cidadania, de coletividade e de singularidade – nossa utopia no campo da saúde mental, em particular, e das ciências humanas, em geral.

Finalmente, a publicação é ainda a oportunidade de reativar os laços Brasil-Argentina no tocante à intensa experimentação no campo da saúde mental que os dois países empreenderam e empreendem na medida de suas problemáticas similares, da busca de formas de resolução de enormes desafios sociais e da potência de criação de efeitos inéditos e transformadores. Cabe lembrar, dentro dessa história, dois momentos: o período da difusão de uma produção cardinal dentro da Psicologia Social (décadas de 1960 e 1970), que deixa uma profunda marca no panorama da saúde mental, tanto argentina quanto brasileira. A obra de Enrique Pichón-Rivière funda, na América Latina, o campo do pensamento grupal, recolhendo em sua construção os aportes mais importantes produzidos na época. Pichón se apropria de diversos autores para constituir uma teoria que se fundamenta na clínica psicanalítica e constrói uma operativa inédita (a Teoria e Técnica do Grupo Operativo), que serve de sustentação até hoje para as iniciativas institucionais e sociais; o segundo momento acontece com a chegada no Brasil da “segunda

geração de argentinos”. Diferentemente da primeira geração, que tem um viés formativo e profissionalizante, essa geração é produto do exílio gerado pela ditadura militar que assola a Argentina e traz em seu bojo a experiência de participação nos movimentos de saúde mental e de diversas produções *psi* de cunho social. Ana María Fernández faz parte dessa linhagem, que se espalhou pelo mundo, levando as marcas de sua filiação: a psicanálise, o estudo dos grupos, o trabalho em instituições e a análise institucional, as marcas, enfim, de uma trajetória que reconhece em Pichón-Rivière sua origem mítica, mas que se desdobra em inúmeras produções e instituições que pensam o social e o sujeito de forma indissolúvel.